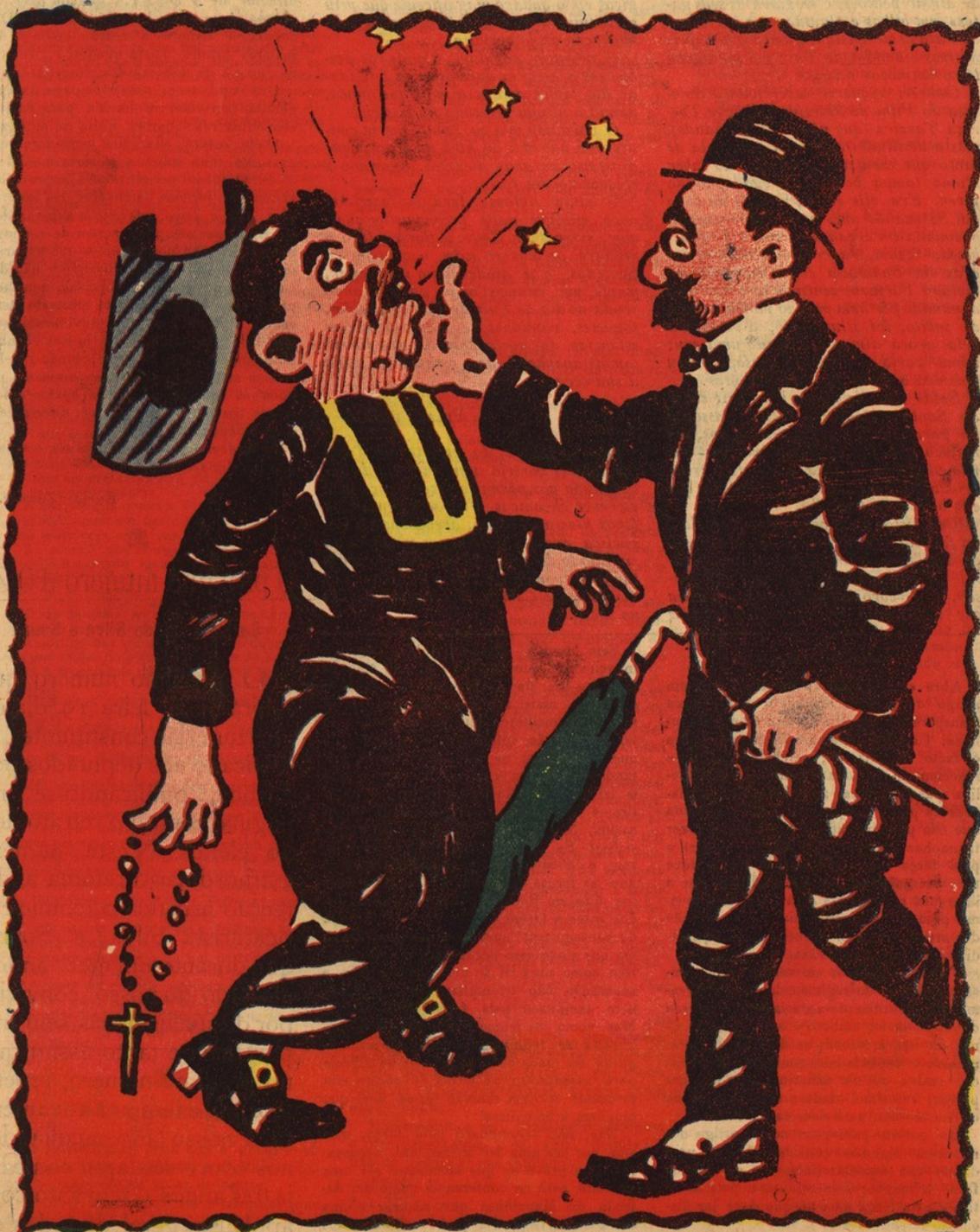
N.º 31 (153) — 3.º ANNO | Terça-feira, 13 de Junho de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
STUART CARVALHAES
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º—LISBOA

A unica estampilha que não foi palmada!
Esta é que é a verdadeira «estampilha» nacional!...

O Deita-gatos de Lisboa

Ainda eu era tamanino, diziam-me que o Santo Antonio livrára o pai da forca, que os peixinhos vinham á flor d'agua quando este lhes fallava e que nas fontes as raparigas a escutarem n'o partiam as bilhas, as quaes eram immediatamente concertadas com uns gatos, pelo seu sopro divino.

No meu espirito infantil concebia então o dom da palavra do santo como uma maravilha para atrair peixes, pois (ao Tempo,) (não conhecia,) ainda o Dr. Antonio José d'Almeida com a sua voz de atrair peixões, e elogiava os seus gatos» em bilhas e alguidares a perderem de vista os de qualquer deita-gatos, primitivos cidadãos de Tuy, porque agora lá só ha moços fidalgos.

Comecei a querer saber toda a chronica do Filho de Martim Bulhões e Thereza Taveira (que não a da Trindade), mas a desillusão arrancou a aureola de santo que lhe havia atribuido, ao saber d'uma tampa por elle pregada, ainda joven. Era elle então, menino do coro da Sé quando uma judia formosissima, premiada em creança no concurso de bébés do Seculo, o arrebatou e enlevou nas azas da Phantasia como em qualquer biplano Farman, sentindo se o santinho dominado por uma paixão violentissima; de subito, foi illuminado, á veneziana pela graça divina e fazendo uma cruz numa porta a israllita dasappareceu pois era o diabo querendo-o tentar.

Desde esse dia nunca mais quiz saber do Santo Antonio de Lisboa; passou a ser para mim um rélles deita gatos, um maluco que préga aos peixes mas que não comêra a israllita, comendo o fruto prohibido e nos queria fazer comer que era o diabo a tenta l'o.

Vem isto a proposito de na escola e na familia, se metter no cerebro da creança o milagre, o impossivel, o inexplicavel. A creança habituava-se a não pensar, o cerebro atrofiava se e o homem que d'ella saia era o homem incapaz d'um raciocinio, incapaz d'um acção logica e boa, d'uma acção que não fosse filha do temor ao Deus, papão immenso.

E quando n'esse grandioso cortejo de civismo eu vi a Escola em hymnos de alvorada a consagrar nas suas almas um ser digno, uma gloria pátria, vi longe o futuro da mentalidade portugueza, vi prospera a Nação, vi grandiloqua a Republica. O povo, o grande povo, a força vivida da nação identificado com os seus governantes aureolando com flores e palmas a sua vida de luctadores energicos eis o quadro magnificente que veiu substituir, a consagração ao mytho á divinização da hypocrisia.

O regosijo popular, á noite, os descantes, a alegria dos rostos, a felicidade dos labios appareceu mais que nunca, dando a ultima bofetada na Egreja.

O povo não era ao Santo que se consagrava não era ao filho da Egreja que dedicava as suas alegrias. Provou-o a eloquencia dos factos.

O santo Antonio, terá de fazer um novo milagre para reconquistar qualquer sympathia d'elle. Adhira e faça o milagre de correr com o conselheiro Serzedas, e se ainda assim não pegar, monte um estanco onde para o anno venda no dia de Luiz de Camões, balões, foguetes, raminhos, e mangericos com estancias do poeta pois d'outra forma jamais apanhará mais 5 reisinhos para a sua céra,

Fulano de Tal.

Nota — *Depois do espectaculo d'esse formidavel cortejo a embriaguez do delirio, não nos permitte fazer graça nem escrever chronicas. Fica-se a pensar, de olhos fitos no Futuro, abençoando a Republica que nos guinda aos pincaros da civilidade do concerto europeu, tocando tanto a trompa da Fama que obriga os Couceiros e Cabres a metterem a viola no sacco.*

Opiniões...

Abre «Os Ridiculos» do dia 7 com um artigo de columna em que o auctor deixa transparecer aqui e ali o seu odio á Republica. Tomando para base de considerações o facto de, diz elle, se chamar jesuita e reaccionario a toda a gente que é catholica para a relaxar ás vaias e ás apreciações da plebe analphabeta e indisciplinada que não percebe nada d'isso e assim fazer triumphar pela sophisma, pela mentira e pela força uma lei e uma ideia que deve ter discussão serena, leal» affirma que a imprensa republicana está a seguir o mesmo processo da monarchia que na opinião de articulista «foi mentir, mentir, insidiar e falsear a verdade».

Folgamos deveras em vermos a imprensa partidaria do regimen dos *adeantamentos* tão gentilmente apreciada por um *seu correligionario*, embora o articulista no final do seu arrazoado se diga um desinteressado e verdadadeiro amigo da Republica, «salvo se elle adheriu o que não nos parece verosimel dada a sua attitude de critica mordaz para com os *adhesivos*.

Ha porem passagens no tal artigo nos merecem algumas considerações e uma d'ellas são aquellas linhas em que lêmos: fazer triumphar pela sophisma, pela mentira e pela força uma lei que deve ter discussão serena e leal».

Evidentemente trata se da lei de separação.

Sem duvida causa-nos jubilo vemos a maneira por que essa lei tem sido atacada pois resulta da analyse d'esse ataque a convicção mais arreigada de que ella é uma das melhores leis da Republica de tal forma são infantis os argumentos de que se servem os seus adversarios, faltando-nos porem o prazer de vermos que a lei de separação triumpharia pela mentira e pela força. Pela mentira? Como assim? Não são conhecidas as suas disposições? Se o não são é porque não a leram e n'este caso é permittido asseverar que as forças catholicas não contam muitos fieis em Portugal, pois certamente todos estes a leram e releram na esperança de conseguirem encontrar qualquer artigo em que pudessem pegar para a apresentarem como uma lei de perseguição. Não, a separação não triumphará pela mentira, nem tampouco pela força. Pela força? Mas como se pouco tempo depois de publicada se reuniram em Lisboa varias figuras de mais ou menos valor na Egreja para assentarem na forma de contra ella protestar e essa reunião fez-se sem que ninguem a impedisse?

Não, não triumphará pela força, mas sim por ser uma lei liberal, util, necessaria. E a prova do que affirmamos sêr uma verdade está na conferencia que o dr. Alfredo de Magalhães quiz realisar n'uma terra do norte para a qual convidou varios padres afim de apresentarem as suas duvidas que elle os esclareceria e apresentarem as suas reclamações que elle as attenderia quando pudesse e nem um iministro da religião appareceu.

A lei da separação é uma lei justa, uma lei republicana, que por todo o paiz foi acolhida com o mais vivo entusiasmo e é justamente isto que traz irritados meia duzia de indiviđuos que choram o regimen abolido em 5 de Outubro embora o não confessem, pois esperavam que ella levantasse o povo das provincias e principalmente o do norte contra o governo. E' caso para dizer que lhes estalou a castanha na bocca e que o escaldão os desorientou.

Mais adiante diz o articulista referindo se a terem chamado reaccionario ao director de *O Dia*: «...quando esse jornalista é um liberal e esse jornal (O Dia) combateu sempre a reação, é um dos maiores crimes d'esta quadra... de falta de juizo e de nobreza dos vencedores».

Ora aqui teem os srs. a paga da exagerada benevolencia havida para com os elementos reacionarios. Falta de nobreza?

Onde estará ella? Nos vencedores que passados dias sobre a gloriosa manhã de 5 de Outubro permitiram a impressão e venda de jornaes defensores das instituições que o povo, exercito e armada derrubaram por sêr um regimen de roubos e prepotencias ou nos vencidos que pagaram essa generosidade chasqueando e não discutindo a nova ordem de coisas, que incapazes de levantarem um protesto serio contra a Republica não duvidaram servir se da hospitalidade dos nossos visinhos hespanhoes para, seguros de não recebe-rem o merecido castigo, lançarem em publico os mais dispa atados boatos unicamente tendentes a manter em desassocego a sociedade?

Medite um pouco o articulista e veja o que lhe diz a consciencia

Eurico Zuzarte.

O proximo numero d'O Zé

Caricaturas de Silva e Souza

O proximo numero que sahirá na 2.ª feira 19, dia da abertura das constituintes, é dedicado aos deputados por Lisboa, publicando-se na pagina central o retrato dos 20 eleitos. N'este numero extraordinario retoma a direcção artistica o eximio caricaturista Silva e Souza, que durante um mez andou afastado do nosso convivio, por desinteligencias sem importancia e tanto assim que no proximo numero, repetimos, ahi o teremos novamente a nosso lado, auxiliando-nos com o seu lapis, como ha já tres annos o tem feito com appláuso geral de todos os leitores.

O proximo numero é dedicado aos **Deputados por Lisboa**

Casos bicudos

Depois que a Republica rege os destinos da nação. a cada passo se ouve dizer que Portugal caminha, a cada canto se lê que a nossa luzitania amada enveredou pela senda do Progresso, é tal a unanimidade dos que estando parados indolentemente, dizem que Portugal renasce, que Portugal anda, que Portugal caminha, que Portugal marcha, que a gente chega a temer que isto um dia descarrile tudo!

«Le monde marche»—disse o outro. Qual «mundo marcha» nem meio «mundo marcha»—! O que marcha é Portugal! Portugal é que caminha a passos gigantescos, que nem um damnado! O mais é historia!

As nações civilisadas com todos os seus progressos, a Inglaterra com as suas liberdades, a Allemanha com todas as suas manhas guerreiras e os seus humanitarios canhões, a França com os seus aeroplanos, ficam a perder de vista ao pé de nós.

E senão vejam «vocelencias» o concurso das estampilhas. Como manifestação do progresso, como concepção ideal de arte, não pode haver melhor... chuchadeira!

O sello é o melhor reclame para o paiz que representa. Por isso elle deve ser feito artisticamente para ser lá fóra um testemunho artistico da nação que o adoptou. Pois dois dos selos que o jury do concurso das estampilhas aprovou, são dois plagiatos, dois primorosos palmanços, um d'uma estatua franceza de Alfred Boucher e o outro d'uma corriqueira capa d'uma illustração de Paris.

Calculem que honra para Portugal, e que conceito o estrangeiro fará dos nossos artistas, quando lá fóra se vir o sello da republica portugueza, roubado da pagina d'uma illustração!

E' claro que a republica não tem culpa de toda esta chuchadeira. Até agora, pelo menos, ainda não. Mas pode vir a tel-a se o sr. Brito Camacho não annular o concurso. Está na sua mão a possibilidade de nos livrar d'uma grande vergonha perante o estrangeiro,—perante o estrangeiro, visto que infelizmente, em Portugal pouca gente se preoccupa e envergonha com os plagiatos artisticos.

Faça s. ex.ª isso, que nós lhe ergueremos um throno como o de S. João visto que o de Santo Antonio já está occupado pelo Camões!

Revogue sem dó nem piedade o concurso dos sellos, e terá prestado ao paiz um grande serviço.

Ao menos provará ter mais amor pela arte de que o seu collega Antonio José d'Almeida, que querendo integrar Portugal na civilisação moderna, reformou a Academia de Bellas-Artes sem lhe crear cadeiras, de illustração, caricatura e scenographia.

A não ser que queiram Portugal caminhando sem arte, como um burro inconsciente caminha sem saber para onde vae.

Se s. ex.ª não revogar o concurso... bolas para o decantado resurgimento da patria portugueza!

*

Onde tambem se vê admiravelmente a educação de todo este pagode, é no theatro.

Ainda ha dias um collega vinha todo escamado por causa do maldito costume de entrarem para o espectaculo quando o panno já está em cima.

Ai, collega isso é moda. E' moda da gente fina, que na maioria dos casos, quem procede assim, é o publico dos melhores logares.

E se fosse só o entrarem tarde e baterem com as cadeiras, podiamo-nos considerar muito felizes.

Mas isso sim! Ainda ha dias estavamos nós a ver a «Agulha em Palheiro», gramando uma chatice medonha dos parceiros que lá estavam.

Havia um magico da esquerda que acompanhava por entre dentes toda a musica da revista; havia um pandego da direita que explicava ao companheiro todas as piadas, como se elle fosse estupido; outro da frente ainda no decorrer do primeiro acto já dava lições ao parceiro do que se passaria no terceiro.

Tudo isto de mistura com a orchestra dos espirros da tosse dos que parecem combinados por tossir ao mesmo tempo, do bater das cadeiras, e das gargalhadas dos que já viram a peça muita vez e ainda as piadas se não acabaram de dizer já se estão a rir que nem uns damnados, impossibilitando os mais de as ouvir, —tudo isto é simplesmente divinal!

Um paraizo!

Viu-se Grego.

Até que emfim

O *Intransigente* acha que o governo legislou «a torto e a direito e *O Mundo* chama lhe «especie de lavar de cestos.

Tanto gritaram por leis e reformas que ficaram fartos!

A primeira sessão das constituintes

Três horas em ponto. Resôam campainhas nos corredôres.

Os paes da patria entram de tropel na sála e n'um momento ficam sentados. A meza occupa o seu logar e os continuos deslisam pelo tapete entregando papeis, livros e o diabo.

E' tudo gente nova. Sente-se palpitar lá em baixo o que quer que seja de sincero.

São raros os cabellos brancos.

Estão todos na maior força da vida. Carecas poucos. Entre estes lá está o deputado por Leiria, um pouco encarquilhado aconchegando-se entre as pernas d'uma carteira. De vêz em quando levanta a cabeça e escarra.

Todos os olhares convergem para elle, especialmente os das senhôras que estão na galeria.

Vê-se que é homem de valôr.

Collegas seus felicitam-no. Passam lhe as mãos pela cabeça, acariciando. E elle, a cada caricia nova, parece *engrossar* de contentamento. Falla pouco, mas diz-me um collega que fará hoje um discurso sensacional. Esperêmos.

D'onde estou não lhe vejo os olhos e parece têr uma venta só. Não admira. Estou a vê-lo de perfil...

O presidente agita a campainha, afim de estabelecêr silencio. Mais alguns minutos de barulho e o silencio está feito. Deve-se o zumbir das moscas e o arrastar dos aparos no papel. Vae encetar-se um periodo grandioso.

O sr. presidente:

— Está aberta a sessão. Os srs. deputados que pretenderem usar da palavra, têm a bondade.

Um brado collossal se ergue sahido de todas aquellas bôocas:

—Peço a palavra.

Alguns momentos de conversa e o sr. presidente diz:

— Tem a palavra o sr. deputado por Leiria.

Pela sála perpassa um oh! de espanto.

— O quê? Foi o careca o primeiro a sêr ouvido?! Ora vamos lá a escutar o *traste!*

Accomodam se os paes da patria e o povo, promptos a escutar o illustre deputado que depois de se tirar do *assento*, de se pôr em pé e de se limpar, começa o sensacional discurso:

—Sr. Presidente: E' a primeira vez que fallo n'esta casa e logo de principio devo dizêr a V. Ex.ª que não é este o parlamento que me cabe. Prefiriria uma casa mais pequena, onde entrasse, cumprisse o meu devêr e sahisse depois sem necessidade de um espectaculo tão grandioso. Isto é largo de mais para mim. Tenho sido modesto em toda a minha vida e por têr esta qualidade é que agora estou mettido em calças... pardas! Tão modesto que nem gosto de me apresentar a fallar em publico, illuminando as minhas palavras com o barrete vermelho da democracia! Mas que fazêr? Isto não está na minha mão, assim como eu não estou na sua, sr. presidente...

Vózes:

—Muito bem!

— «Desejava expôr o meu programma de modo a não fatigar os meus collegas e é isto que vou tentar: Note-se, que n'esta coisa de expor programmas, prefiro antes *expor razões*.

Mas emffim, o snr. Presidente gramma o meu programma e os snrs. deputados hão-de grammar-me tambem ¡...

Vozes:

—Muito bem!

—«Como devem ter ouvido, desde criança que tenho grande paixão pela agricultura. Sempre me inclinei para quintas, celleiros, trigaes, ribeirinhas e propriedades defezas.

Tenho amôr ás hortaliças e d'ahi vem o chamarem-me antigamente *Zé Nabo*. Sou *membro* de muita associação agricola! Mas isto são quetões particulares que não interessam a camara... vamos ao caso.

O nosso paiz é riquissimo no que respeita a fructas: maçãs, nesperas, tomates, marmellos, figos. pêras, melões, etc. etc. Pois é quasi nullo o commercio que fazêmos. Três especies temos nós aos milhões e que no estrangeiro são apreciadissimas: pêra, nespera e tomate. Tem uma procura extraordinaria. principalmente nas terras francêzas e hespanholas. Sabe o snr. presidente o que eu faria se fosse governo? Uma coisa muito simples e que muito interessava a agricultura. Punha o tomate nas francêzas e mandava a pêras hespanholas. Prompto! Eis a solução simples e a que daria melhores lucros. Quanto á nespera ficava com ella pois cá dentro tem mais gasto do que lá fóra.

Poderá isto parecer uma loucura...

Um deputado:

— Não me parece muito viavel a solução. Tenho a certeza que o meu projecto é melhor.

O orador:

—Ora! O que V. Ex.ª mais poderia fazer era *baixar os direitos* de exportação, mas eu é que não vergava a semelhante vergonha! E se o governo tiver a cobardia de fazêr isso para engrandecêr a agricultura é o governo mais pulha, mais vil, mais...

O presidente·

— V. Ex.ª está sahindo das nórmas parlamentares e vejo-me obrigado a applicar-lhe o art.° 57 do Regimento...

O orador (exaltado*)*:

— V. Ev.ª é que não está bom de cabeça! Eu felizmente estou. V. Ev.ª só me pode applicar o 69, art.° que me confére um direito de que estou usando e o 606 que trata de offensas, corporaes e de feridas... politicas. Eu, pela minha parte, continuo:

A agricultura tem muitos ramos a explorar. Nos cereaes então ha immensos. Constou-me que queriam cobrir a fava com mais um imposto. «Para que precisam elles da fava coberta?» Tudo descoberto! Nada de impostos! Só assim teremos a agricultura como sendo a maior fonte de riquesa de Portugal!

Desejava tambem, e o povo está a meu lado n'este caso, que se regulasse melhor a importação do gado cavallar e muar.

Pois se em Portugal se pode criar o gado e desenvolvê-lo para que necessitamos de importação?

Sr. Presidente, o meu programma é pouco mais ou menos a execução d'estas medidas.

«Não perder o freio, é a minha norma». Entesarmo-nos com os monopolistas agricolas! Não vergar nunca! A mim poderão prohibir de dár muitas opiniões sobre o assumpto. Mas ao menos deixem me dár as duas primeiras e ficarei satisfeito!

Sr. presidente, sr.^os deputados, façam com que a agricultura se levante ao nivel que lhe compete, é o que lhes exige o *Zé* que sou eu mesmo! Tenho dito».

O deputado é muito felicitado. Agarram-no, beijam-no, expremem-no, acariciam-no, fazem lhe cocegas... e elle em pé, com a cabeça para baixo e para cima, n'um agradecimento grandioso, bastante «inchado» com a homenagem.

Um collega limpa lhe o suor da rosada fronte. As galerias tambem se manifestam. As senhoras atiram-lhe beijos com phrenesi louco Chega ao delirio a manifestação! E' levado em triumpho! Depois pou-

No proximo numero

O ZÉ publica o **Retrato dos deputados por Lisboa**

Os cravos do São Camões

Oito cravos que teem desencravado a nação

co a pouco tudo «aquilo» murcha. Os animos serenam e ouve-se a vóz pesada do presidente.

—Em vista do adiantado da hóra, está encerrada a sessão. Os paes da patria saem as galerias evacuam-se. E eis aqui a primeira reunião das Constituintes... antes d'ellas reunirem.

O chronista.

—A camara municipal mandar applicar uma lavagem ao predio n.º 265 da rua Aurea.

—Começar os concertos noturnos no Rocio e no Terreiro do Paço.

—Saber-se a razão porque tiraram os candieiros dos somidouros do Passeio da Estrella.

—Calcular-se por este motivo, o que se passará no dito passeio, quando lá se realisarem as festas noturnas.

—Uma certa menina moradora na Rua de de Saraiva de Carvalho deixar de ter um namoro de dia e outro á noite.

—Acabar o parlamento janelleiro no predio n.º 49 da Rua 4 de infanteria.

—Terminarem as levas de presos atravez do descampado de Lisboa.

—Os caixeiros de certo kiosque que nós sabemos—e que prantaremos aqui no pelourinho se continuarem na mesma,—deixarem de ser porcalhões, aproveitando as cascas de limão d'uns freguezes para outros.

—As senhoras pegarem aqui em Lisboa a linda moda das saias-calções.

—Receber-se resposta dos deuses que nos explique porque razão o sr. Bernardino Machado conserva o representante junto do Vaticano.

—Saber-se para que é que a Republica que tem por lema: Liberdade, Egualdade e Fraternidade precisa ter um representante junto do papa, que representa a perseguição, a desegualdade e a tyrannia.

—Saber-se tambem porque é que o sr. ministro dos estrangeiros, que economisou com a reforma do seu ministerio uns cento e vinte contos de réis, não poude tambem poupar mais uns cinco contositos que é quanto ganha o ministro junto do pomposo Vaticano.

—Metter-se na pinha, mesmo que seja á martelada, a razão que desculpe o facto d'uma republica sem religião official ter um representante junto do Papa.

—«A Capital» sahir aos domingos.

—Organisar-se de vez os serviços do correio.

—Os jornaes jacobinos, deixarem de nos chatiar com a futilidade dos titulos nobiliarchicos, como tem feito «A Republica» orgão do sr. Antonio José d'Almelda, membro do governo que aboliu os rançosos titulos de nobreza.

—Haver mais jornaes delicados como o «Desforço» que indicou de onde tirou a secção com o titulo «Impossiveis.»

—Acabar a publicação de retratos de bébés na «Republica.»

—Deixarem de ser dados os logares de confiança aos thalassas da gêmma.

—A camara municipal passar das palavras aos factos em melhoramentos da cidade.

—O plesbicito do «Popular» não ser uma historia.

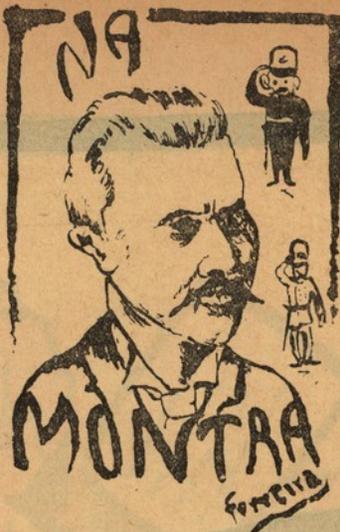
—Esquecermo-nos do plesbicito do «Imparcial.»

Um heroe

A' assembléa constituinte que breve vae reunir, recomendamos um heroe, um grande heroe, que o governo provisorio esqueceu.

E' o sr. Eduardo Ferreira estabelecido com loja de barbearia no Largo da Paschoa n.º 7. Uma commissão de cidadãos vem-nos procurar enaltecendo os serviços que este inquebrantavel heroe prestou na revolução.

Não esteve na Rotunda, não deu tiros, nem matou policias, mas esteve em artilharia 1, onde gastou, á procura não sabemos de quê, uma caixa de phosphoros demais a mais. de cera de luxo, do que agora se gaba aos quatro ventos.

Nem o Machado dos Santos se compara a este heroe *phosphorico*!

Dr. Nunes da Ponte

Novo governador civil do Porto

Sempre recto e correcto seguindo sem «Ondulações» o trilho da sua vida, eil-o, Eusebio Leão da invicta no logar legado por Paulo Falcão.

O Porto deve lhe muito; quer quando na Camara Municipal regulando as luminarias portuenses quer como administrador repleoto de «mizericordia» de varias instituições. Sempre cheioe de nergia, trabalhador e honrado, se mostrou um Nunes da... Ponta da unha.

O povo reconhece bem quanto elle valle. Tanto que se ainda no tempo do regimen passado, lhe perguntassem, com vista áquella ultima fornada de pares do reino, qual queria,—Pares ou Nunes—elle, trocal-os-hia todos os conselheiros aborguezados, pelo caracter inflexivel desciplinado e inçançavel do velho paladino da democracia.

Como governador civil da segunda cidade de Portugal deve fazer sentir tambem o seu pulso e matar saudade de Paulo Falcão sendo essa a razão porque vai na «montra».

A. F.

Uma rapsodia litteraria

Recebemos o n.º 13 da «Resistencia» dedicado ás festas camoneanas. Traz na 1.ª pagina uma primorosa poesia de Thomar Ribeiro toda feita de bocadinhos dos Luziadas.

E' um dos mais bellos trabalhos do grande poeta.

Miguel Machado

Esteve na 4.ª feira muito incomodado de saude o sr. M. Machado filho do illustre ministro dos extrangeiros e nosso prezadaissimomigo dr. Bernardino Machado. Desejamos-lhe as mais rapidas melhoras da sua doença que tanto impressionou o coração de seus paes e irmãos.

Então não querem lá ver!

Ha deputados que querem ir descutir nas côrtes a pressa com que se crearam no ministerio das finanças arrebentadas empregos de seis e dez mil réis por dia.

Ora essa! Então não vêem o descôco d'estes senhores deputados!

A gente a nadar em dinheiro, e elles a incommodarem-se com ninharias!

Sem Rei nem Roque

Revista de Xavier da Silva e João Bastos

Poucas vezes temos assistido a uma primeira representação de revista, que decoresse do principio ao fim, no meio do enthusiasmo, que a revista Sem Rei, nem Roque, decorreu.

Este enthusiasmo no entanto, não é para admirar e dissermos que no trabalho dos distinctos escriptores João Bastos e Xavier da Silva se encontra muitissima originalidade, o que é dificil hoje vermos em trabalhos identicos.

No desempenho occupa o primeiro logar a distincta actriz Lucinda do Carmo que em todos seus papeis se revelou a artista consciencíosa de sempre, sobresahindo no entanto no pesonagem A gréve, em que arrebatou por completo a platêa, conseguindo a maior ovação da noute.

E diga-se em abono da verdade que tal manifestação foi bem digna de tão grande artista. Aos que dizem que Lucinda do Carmo está velha, já não é a Lucinda d'outros tempos, recommendamos-lhe que a vão ver no alludido perssonagem «a gréve» e digam-nos depois se ella não parece ter menos vinte annos. Muitissimo bem, assim é que é representar.

Todos os outros artistas se esforçam pop agradar, conseguindo alguns plenamente. Felicitamos os auctores da revista pelo successo alcançado e a empreza do Theatro Moderno, por ter emffim obtido uma peça que a deve compensar dos esforços dispendidos.

AO PIANINHO

São Camões que estaes no throno
Onde estava o Santo Antonio
Não te deixes ficar mono
Faz-te como elle um demonio.

Faz te ladino, bregeiro,
Anda afogar mil desejos,
Partindo as bilhas ás pêgas
E concertando-as com beijos

Anda p'ra cá fazer versos
A's manas Pires e a ás Soisas
Fazer por essa cidade
Varias *fitas*, varias coisas.

Não sejas bronze sem vida,
Anda, salta cá p'ra baixo,
Vem atirar epigrammas
A' farpela do Camacho

Anda saltar as fogueiras
Beber vinho, andar em festa;
E queimar as alcachofras
Que os «faias» teem na testa!

Anda ver um grande artista,
Mas grande com grande G,
A fugir com uma estatua
Do pobre Alfredo Boucher.

Anda mas traz os ouvidos
Que tens, de bronzea dureza,
Não te vão ensurdecer
Co'o demo da «Portugueza»

Grego

Talvez ...

Fugiu o bispo da Guarda. Os diarios dizem que elle está por força escondido.

Talvez fosse o de Beja que o escondesse... Quem sabe ?

O proximo numero publica-se na 2.ª feira, 19

Affonso Costa

E' com o maior prazer que damos aos nossos leitores a noticia de ter melhorado consideravelmente este illustre homem da Republica.

Que seja em breve que o vejamos occupar o seu logar de ministro da justiça em que tem sido incançavel e notavel, tornando se devéras sentida a sua falta.

Preparam-se grandes festejos em honra do nosso querido amigo para quando entrar em franca convalescença.

O ZÉ no theatro

Borliomania

Pecinha, muito realista, n'um acto de Zé Pimenta. A acção passa se em Lisboa na rua da Rosa, 162, 1.° esq. A scena representa uma *sala* com duas secretarias, seis cadeiras, um cesto para papeis velhos um calendario com as datas em diversas cores, uma estante muito «rasca» com diversos papeis, a collecção da «Marselheza», etc., etc. Pendurados na parede os retratos de Marat, o pae Bernardino, um quadro dos defensores da Republica, outro alusivo ao fuzilamento de Ferrer e outro com uma figura da Republica dado como brinde aos assignantes de um romance popular. Alem d'isso estão pregados na parede uma estampa com o Zé Povinho saudando a bandeira verde e encarnada e um retrato de Candido Reis havendo tamretratos em ponto grande de Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, José Relvas, Paulo Falcão, Luiz Galhardo. ex-tenente Coelho. Jornaes pendurados nas paredes.

Personagens

Estevam de Carvalho'—Typo de gravata encarnada, casaco com gola e punhos de pelle e com dôres de cabeça.

Ramos:—Typo de fato azul, colleccionador de catalogos enviados á borla.

Ze Pimenta:—Typo esgrouvinhado de cadete, com quatro divisas cada uma de sua côr. Pernas de ganso, pés de pavão e guellas do dito quando deseja cantar. Bom rapaz, amigo de pagar bolos e cervejas

Ouve-se na campainha da porta: Trim, rim-rim-rim.

(Ramos abre a porta. Entra *Zé* Pimenta).

«ZP»—O Estevão está. (resposta affirmativa de Ramos) Olhe—chamam'o.

«E» —Olá seu «areias», como vae isso...

«ZP»—E essa peuga...

«E» — Homem—mais outra enrrascação...

«ZP»—Mas vamos ao que importa. O livro das borlas. (Procura-o, encontra-o escreve varios bilhetes).

«E»—Lá vem você...

«ZP»—Olhe assigna-me isto...

«E» Você é medonho com borlas...

«Z P»—Que quer se as emprezas organisam programmas de primeira ordem. Olhe no «Moderno» vae uma revista de João Bastos e Xavier da Silva que para desopilar o figado não ha nada melhor; no «Variedades» o «Pó de Perlimpimpim dá duas enchentes por noite; no «Rocio-Palace» a revista Tarde piaste», que tem a illuminal-a o talento de «Isabel Ferreira» actriz querida do publico, não mais sahirá do cartaz; a «Viuva Alegre» por petizes faz um successo retombante no «Theatro Infantil do Rocio.

«E»--Oh! homem você não se cala mais...

«Z P»—Ainda não lhe fallei dos animatographos. Olhe no «Central» a fita da artilheria, fita portugueza, ninguem deve deixar de vêr; no «Foz» continua a empreza dando bellas sessões com fitas da «ponta da unha» e numeros de variedades de primeira ordem; no «Olympia» está-se comodamente sentado apreciando as ultimas novidades cinematographicas; ás 3.as e 6.as sessões da moda no «Chiado Terrasse» com magnificas estreias; no «Paraizo de Lisboa» com as suas bellas variedades está em maré de rosas; no Salão da Trindade» não cessa a serie de bellas estreias.

«E»—Homem acabe.

«Z P»—Acabo e já não fallo no «Salão dos Anjos, Estephania, Terrasse, Cine-Palais e Chantecler Chalet» na feira de Alcantara, «Theatro Etoile» com a revista «Pentes e Dedaes» e outros.

«E»—Você tambem diz bem de tudo.

«Z P»—Não me parece. Olha no «Phantastico» vae um 606 muito avariado.

«E»—Tome lá as borlas. Ahi vae para o Olympia, Chiado-Terrasse e Paraizo.

«Z P» —Obrigadinho. Até amanhã. (Sae apertando a mão a Estevão e Ramos).

«R»—Ora bolas, que já não vou hoje ao «Chiado-Terrasse...

Sobre este fim tragico desce o panno lentamente.

———

O typo de «Zé Pimenta» foi escripto por «Viu-se grego.

Vende-se esta peça em todas as bôas livrarias ao preço de 60 réis.

Está claro

Segundo os jornaes em Ovar os larapios assaltaram uma capella, onde remexeram tudo com manifesto desprezo pelos Santos, e na mesma noite quizeram forçar as portas da egreja matriz, o que não conseguiram.

E' que *nosso* senhor aqui poz-se ás tezas e trancou a porta! Ora se elle fizesse assim em toda a parte já não era roubado como qualquer mortal...

Que grande coisa!

Fazem os jornaes um grande espanto porque em Hespanha estando um orador a falar deixou cahir as calças e as ceroulas que se lhe desabotoaram.

Olha que espanto! E nós não vamos vér no parlamento o deputado por Leiria?!

Colyseu dos Recreios

Deve estreiar-se no sabbado 17 n'esta magnifica casa de espectaculos companhia de opereta, italiana, que ultimamente causou o maior sucesso no Theatro da Comedia em Madrid. Toda a imprensa madrilena lhe fez os mais rasgados elogios pela forma magistral como a «Viuva Alegre, Conde de Luxemburgo» etc foram enterpretadas. Ainda bem que o publico obteve occasião de apreciar uma das melhores companhias extrangeiras de opereta que pelo sucesso de que vem precedida deve causar assombro entre nós.

Dr. Xavier da Silva e João Bastos

Auctores da revista Sem Rei nem Roque, que acaba de alcançar um successo collosal no Theatro Moderno.

Se pela cabeça do dedo, diz o Doutor, se conhece o criminozo, e pelo dedo o gigante, pelas suas obras é tão facil reconhecê-l'os dois chistosos escriptores como saber quem foi o pai dos filhos do «Dr. Zebedeu».

Da moderna geração não recorrem a coisas do «arco da velha» para as suas peças, mas ao theatro «moderno». Tudo n'elles tem originalidade como se o «olho da providencia» revisteira piscasse para si.

Amigos inseparaveis, se um segue o seu «fado» com outro «quidem», não anda muito tempo «sem rei nem roque» pois breve volta como um «valente balbino» á liça theatral com o seu companheiro.

N'uma homenagem singella eu desejo-lhes que sejam muito felizes, tanto como são amigos e que tenham muitos meninos que é como quem diz, tenham muitos quadros novos a dar-n'os á luz... da ribalta.

—9-6-911—

A. F.

Para ella

(Que usa chapeu da moda)

Uns olhos côr do ceu da terra portugueza,
—Tão lindo, que outro ceu mais lindo não existe!
Bondosos como o olhar de Deus, que era tão triste,
Singelos como a rude e santa natureza;

Um nariz sem rival, de artistica beleza,
Como tu, meu leitor, ao certo nunca viste;
Um rosto feiticeiro, a que ninguem resiste,
Quando a bocca sorri divina de pureza!

Cabecinha gentil=que é todo o meu anhélo
Digna de ser cantada, em versos pelo Dante,
Formusura ideal, encarnação do bello!...

E tudo isto escondeste, ó minha linda amante,
(Sem teres dó de mim—ah! que triste é dizel-o!)
Nas abas d'um «penante»...

Pardiéla

NO PROXIMO NUMERO que sae na 2.ª feira

Caricaturas de SILVA e SOUSA

Pagina central: dedicada aos deputados por Lisboa

— Menino Affonso, que estaes ao collo do santo Zé, não te esqueças das nossas «massas», que é a nossa verdadeira religião. Amen.